

Neisseria gonorrhoeae resistente a antimicrobianos: Uma ameaça à saúde pública

Gabriela Bisinotto Skaff

Anhanguera UNIDERP – Mato Grosso do Sul

Bianca de Souza Lima

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Mato Grosso do Sul

Gabriela Dezan Monção

Faculdade Ceres – São Paulo

Marcel Cicuto Ferreira do Carmo

União das Faculdades Grandes Lagos – São Paulo

Gabriela Mussato Salicio

União das Faculdades dos Grandes Lagos – São Paulo

Felipe Sanches Carneiro

Anhanguera UNIDERP – Mato Grosso do Sul

Barbara dos Reis Dal Lago Rodrigues

Anhanguera UNIDERP – Mato Grosso do Sul

Celso Dal Lago Rodrigues Neto

Anhanguera UNIDERP – Mato Grosso do Sul

Jéssica Vanessa Iglesias Furlaneto

Anhanguera UNIDERP – Mato Grosso do Sul

Victor Santos Coll

Anhanguera UNIDERP – Mato Grosso do Sul

RESUMO

A *Neisseria gonorrhoeae* é a segunda infecção sexualmente transmissível mais frequente e tem chamado atenção devido a baixa eficácia terapêutica. Todavia, ao longo do tempo o gonococo desenvolveu diminuição da suscetibilidade aos antimicrobianos, que resultou em resistência franca às classes, reduzindo as opções medicamentosas. Assim, o estudo tem como objetivo discutir a resistência do gonococo aos antibióticos, visando estimular debates acerca da temática. Para tal, selecionou-se 32 artigos das plataformas PubMed e Scielo. A gonorreia afeta membranas mucosas do trato genital inferior, reto, orofaringe e conjuntiva. Seu quadro clínico varia desde a ausência de sintomas, até episódios de salpingite, epididimite e conjuntivite neonatal. Levando a impactos sociais inquestionáveis. O Ministério da Saúde indica como tratamento a ceftriaxona e azitromicina. O uso de duas classes antimicrobianas baseia-se no fato de possuírem mecanismos de ação diferentes visando postergar o desenvolvimento de resistência. O gonococo foi descrito com alta susceptibilidade para muitas classes medicamentosas, sendo a primeira as sulfonamidas, no entanto, a bactéria demonstrou capacidade de desenvolver resistência. Tal fato se sucedeu com outros antibióticos, devido ao fato do gonococo possuir habilidade em alterar seu material genético com mutações que permitem adaptação e transformação em seu ciclo de vida. No Brasil, a primeira linhagem de gonococo resistente à penicilina foi isolada em 1985. Com o passar dos anos, a resistência se



estendeu a outros antimicrobianos, como tetraciclina, anfenicóis, macrolídeos e quinolonas. Entre 2015 e 2016, a taxa de resistência à ciprofloxacina no país foi de 55,6%. Estima-se que 0,1% dos 80 milhões de casos de gonococo relatados ao ano são testados quanto à resistência antimicrobiana. Por fim, acredita-se que novas pesquisas devam focar na capacidade mutagênica da bactéria para esquivar-se dos mecanismos de ação dos antibióticos, sendo inviável apenas ampliar espectros de drogas ou associar medicamentos, visto que, seriam, apenas alternativas temporárias.

Palavras-chave: Gonorreia, Infecção por *Neisseria gonorrhoeae*, *Neisseria gonorrhoeae*.